



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III - GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE HISTÓRIA**

Ellem Aguida de Oliveira Martins

**A CULTURA SURDA E SEUS ARTEFATOS CULTURAIS NA
EDUCAÇÃO ESCOLAR DOS SURDOS: UM ESTUDO DE CASO**

**Guarabira
2017**

ELLEM AGUIDA DE OLIVEIRA MARTINS

**A CULTURA SURDA E SEUS ARTEFATOS CULTURAIS NA
EDUCAÇÃO ESCOLAR DOS SURDOS: UM ESTUDO DE CASO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de História da
Universidade Estadual da Paraíba – Campus
III – Guarabira, em cumprimento aos
requisitos necessários para obtenção do Grau
de Licenciatura Plena em História.

Orientadora: Profa. Esp. Aline de Fátima da
Silva Araújo

**Guarabira
2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do Trabalho de Conclusão de Curso.

M379c Martins, Ellem Aguida de Oliveira.

A Cultura surda e seus artefatos culturais na educação escolar dos surdos [manuscrito] : um estudo de caso / Ellem Aguida de Oliveira Martins. - 2017

38 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2017.

"Orientação : Prof. Esp. Aline de Fátima da Silva Araújo, Departamento de História - CH."

1. Cultura Surda. 2. História. 3. Artefatos Culturais. 4. Educação. 5. Identidade. 6. Inclusão.

21. ed. CDD 371.9

ELLEM AGUIDA DE OLIVEIRA MARTINS

**A CULTURA SURDA E SEUS ARTEFATOS CULTURAIS NA
EDUCAÇÃO ESCOLAR DOS SURDOS: UM ESTUDO DE CASO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do Curso de
História da Universidade Estadual da
Paraíba – Campus III – Guarabira, em
cumprimento aos requisitos necessários
para obtenção do Grau de Licenciatura
Plena em História.

Orientador: Prof. Aline de Fátima da
Silva Araújo

Aprovada em: 31/07/17.

BANCA EXAMINADORA

Aline de Fátima da S. Araújo
Prof. Esp. Aline de Fátima da Silva Araújo (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Débora Regina Fernandes Benício
Prof. Ms^a. Débora Regina Fernandes Benício (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Francisco Fagundes de Paiva Neto
Prof. Dr. Francisco Fagundes de Paiva Neto (Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico este trabalho à minha orientadora Aline, por todo incentivo e ajuda para que a realização deste trabalho fosse possível.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, primeiramente, por ter me sustentado nessa caminhada de luta e muito esforço; aos meus pais por me apoiarem sempre com seu amor incondicional. Aos meus amigos pelo apoio e incentivo.

À minha orientadora, Aline Araújo, pelo suporte e apoio nessa trajetória, pelas suas correções e incentivos; ao professor Francisco Fagundes e à professora Débora Regina, pela aceitação e disponibilidade de participarem da minha banca.

Enfim, a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, fica aqui o meu MUITO OBRIGADA.

“Quero entender o que dizem. Estou enjoada de ser prisioneira desse silêncio que eles não procuram romper. Esforço-me o tempo todo, eles não muito. Os ouvintes não se esforçam. Queria que se esforçassem”.

(Labourit, 1994, p. 39).

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	08
2	PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS.....	09
3	OS SURDOS E SUA CULTURA NA HISTÓRIA: ALGUMAS CONCEPÇÕES.....	12
4	SURDEZ NA CONCEPÇÃO SOCIOCULTURAL E OS ARTEFATOS CULTURAIS.....	15
5	RESULTADOS E DISCUSSÕES: CULTURA SURDA NA ESCOLA: O ESTUDO DE CASO.....	19
6	CONCLUSÃO	24
	REFERÊNCIAS	25
	ANEXO.....	28

A CULTURA SURDA E SEUS ARTEFATOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO ESCOLAR DOS SURDOS: UM ESTUDO DE CASO

Ellem Aguida de Oliveira Martins¹

RESUMO

Este trabalho apresenta uma discussão acerca do surdo e da cultura surda, suas concepções e mudanças na história e como atualmente os artefatos culturais se manifestam na educação escolar. O objetivo geral deste texto é fazer uma reflexão sobre as concepções de cultura surda dentro de uma perspectiva histórica e cultural. Deste objetivo brotam outros mais específicos como: entender o surdo como sujeitos de sua própria história, com autonomia e capacidades de produção cultural; desenvolver a concepção social da surdez e como ela ajuda a entendermos melhor os sujeitos surdos; refletir as potencialidades que os surdos têm para desenvolver seus artefatos culturais. Como abordagem teórica, o trabalho fez uso da história cultural, pela amplitude de diálogo com outras áreas do conhecimento e por ter especial interesse pelas experiências dos sujeitos antes “desprezados” pela história. Como metodologia, este estudo se valeu de um estudo de caso com alunos surdos de uma determinada escola da rede estadual de ensino da cidade de Guarabira-Pb. Ao longo do trabalho foram consultados autores como: Strobel (2008a, 2008b, 2009), Sá (2006), Perlin (1998, 2003, 2006, 2014) e Nakagawa (2012). Como resultado obtido o referido trabalho mostra que é possível falar que há uma cultura surda e que esta se mostrou perceptível nos relatos dos entrevistados.

Palavras-chave: Cultura Surda. História. Artefatos Culturais. Educação Inclusiva. Identidade.

ABSTRACT

This paper presents a discussion about deaf and deaf culture, their conceptions and changes in history, and how cultural artifacts are currently manifested in school education. The general objective of this text is to make a reflection on the concepts of deaf culture within a historical and cultural perspective. Other more specific aims include: understanding the deaf as subjects of their own history, with autonomy and cultural production capacities; to develop the social conception of deafness and how it helps us to better understand the deaf subjects; reflect the potential of the deaf to develop their cultural artifacts. As a theoretical approach, the work made use of cultural history, the breadth of dialogue with other areas of knowledge, and special interest in the experiences of subjects previously "despised" by history. As a methodology, this study was based on a case study with deaf students of a certain school in the state-level teaching system of the city of Guarabira-Pb. Throughout the work, authors such as Strobel (2008a, 2008b, 2009), Sá (2006), Perlin (1998, 2003, 2006, 2014) and Nakagawa

¹ Aluna do curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, Guarabira.

(2012) were consulted. As a result the mentioned work shows that it is possible to speak that there is a deaf culture and that this one was perceptible in the reports of the interviewees.

Key Words: Deaf Culture. History. Cultural Artifacts. Inclusive Education. Identity.

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, vivenciamos a presença de algumas pesquisas e estudos voltados para os surdos e sua cultura, mesmo que timidamente. Isso é porque a cultura surda pouco era reconhecida e aceita, mas especificamente, os surdos não eram aceitos pelos ouvintes como sujeitos capazes de produção cultural e intelectual, visto que os surdos sempre foram obrigados a se adaptarem a cultura dominante dos que ouvem.

Com esta nota introdutória, este trabalho propõe discutir criticamente os pensamentos e concepções acerca dos surdos e à cultura surda, além dos artefatos culturais desenvolvidos pelos surdos na vida cotidiana, sendo que a base deste estudo consiste numa pesquisa qualitativa baseada em um estudo de caso com alunos surdos de uma determinada escola da rede estadual de ensino, do município de Guarabira, o que resultou em nosso estudo de caso.

Nosso principal objetivo foi fazer uma reflexão sobre as concepções de cultura surda dentro de uma perspectiva histórica e cultural. Deste objetivo brotam outros mais específicos como: entender o surdo como sujeitos de sua própria história, com autonomia e capacidades de produção cultural; desenvolver a concepção social da surdez e como ela ajuda a entendermos melhor os sujeitos surdos; refletir as potencialidades que os surdos têm para produzir seus artefatos culturais.

Essa discussão acerca da cultura surda nos proporcionou termos melhor compreensão acerca do surdo e suas formas de relacionamento nos espaços sociais, tendo como foco a escola. Vale destacar que nenhuma destas referências bibliográficas utilizadas são da área de História, sendo este trabalho um dos poucos a tratar sobre o tema nesta área, sendo esta escassez parte da justificativa para produzi-lo. Além disso, também são justificativas para o tema o nosso primeiro contato com a língua de sinais e o fato de nunca termos ouvido se falar antes na existência de uma cultura surda.

Grande parte dos trabalhos abordados é da área da educação, tendo os estudos culturais como marco teórico, pelo fato óbvio por tratar do tema cultura. Sendo assim, achamos mais apropriado tria-lo pelos vieses da Historia Cultural, a qual nos garante mais

abrangência nas análises e o diálogo com outras áreas do conhecimento. Como pontuou Burke (2005, p.69), enquanto paradigma, a História Cultural veio dar conta da expansão do domínio da cultura, visto que muitas culturas consideradas “subalternas” ou de “menor valor” passaram a ser dignas de estudo. Neste ponto é que se enquadra a cultura surda, negada e renegada tantas vezes em seu trajeto histórico.

Como sustentação aos nossos argumentos, dialogamos com autores que já construíram uma base sólida acerca dos surdos e sua cultura, a exemplo de Perlin e Quadros (2006), que abordam a concepção que o surdo tem do ouvinte, como também sua visão em relação a outros surdos; Sá (2006), nos proporciona uma discussão instigante sobre a surdez na história, e ressalta que o problema da integração dos surdos na sociedade não foi a surdez, mas uma hegemonia do “ouvintista”² sobre a cultura surda; Strobel (2008a, 2008b, 2009), talvez a autora que mais se destaca no estudos em defesa da cultura surda e seus artefatos.

Sucintamente, este estudo trilha os seguintes passos: 1- estudo bibliográfico sobre a temática e os aspectos teórico-metodológico; 2- coleta das entrevistas na escola; 3 análise dos dados; 4- discussão sobre os dados obtidos nas entrevistas, dialogando com os autores que dão sustentação teórica à temática. Na parte estrutural, este trabalho também vem dividido em quatro momentos. Num primeiro momento estaremos discutindo os pressupostos da pesquisa, ou seja, seus caminhos teórico-metodológicos. O segundo momento traz um sucinto histórico das concepções sobre os surdos e sua cultura, algumas passagens no passado em que caracterizavam o ser surdo. Em seguida vem a parte em que discutimos acerca da surdez numa perspectiva sociocultural, a qual nos permite vislumbrar os artefatos culturais do povo surdo. Por fim traremos os dados coletados nas entrevistas, as respectivas análises dos resultados e as discussões que envolveram a pesquisa com os alunos surdos na escola, tais como sua cultura, identidade e sua relação com os ouvintes – e vice-versa – onde nos permite identificar os artefatos culturais presentes nas práticas cotidianas dos jovens surdos.

2 PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Antes de adentrarmos nas discussões sobre a corrente teórica deste trabalho, convém destacar o conceito de “cultura” que será usado, o que nos ajudará a entender a produção

² O termo ouvintista, segundo Skliar (1998, p.15), “é um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e narrar-se como se fosse ouvinte”.

cultural dos surdos. Aqui concordamos com Botelho, quando ela destaca que a cultura está relacionada com a formação global do indivíduo, e também com:

[...] a valorização dos seus modos de viver, pensar e fruir, de suas manifestações simbólicas e materiais, e que busca, ao mesmo tempo, ampliar seu repertório de informação cultural, enriquecendo e alargando sua capacidade de agir sobre o mundo. O essencial é a qualidade de vida e a cidadania, tendo a população como foco (2007, p.110).

Então, quando pensamos em cultura surda, estamos nos reportando à maneira de os surdos se relacionarem com o mundo à sua volta; à maneira como decodifica as informações que chegam até eles; o jeito singular de representar a linguagem e as coisas a sua volta; como eles organizam sua própria cultura em meio à cultura dominante dos que ouvem. Portanto, os surdos, conforme salienta Sá (2006, p.105-106), constituem um grupo social minoritário que está lutando para que sua cultura se torne legítima no contexto social.

Cultura surda, para Perlin e Miranda (2003, p.218) está “representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico”. Pode-se acrescentar ainda toda técnica de interpretação visual e de expressão corporal, capaz de representar não só palavras como também sentimentos. Nisso, o conceito de cultura surda está relacionada às formas de os surdos serem e estarem no mundo, algo relacionado à construção de sua identidade, conforme ressalta Strobel (2008a, p.24):

Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando-o com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo.

Os Estudos Culturais desempenham um papel importante para que todas as formas de cultura venham a ser consideradas na rede social (SÁ, 2006). Segundo essa tendência, iniciada no final da década de 60 do século XX, a História Cultural foi se consolidando no sentido que ampliava uma necessidade de se compreender os novos sujeitos e culturas que não tinham vez ou os pressupostos que fugiam à compreensão/apreensão por um método historiográfico mais rígido, como o da História Econômica e da História Social. Segundo Pesavento (2005, p.69), a História Cultural possibilitou “a renovação das correntes da história e dos campos de pesquisa, multiplicando o universo temático e os objetos, bem como a utilização de uma multiplicidade de novas fontes”.

Com a História Cultural, outros personagens passaram a fazer parte da história, a partir de uma “história vista de baixo”, que abrange seus estudos a outros sujeitos e suas culturas, as quais antes ficavam às margens da história. Nesse cenário, os surdos podem ter espaço na historiografia e sua cultura estudada por nós historiadores. Perlin e Strobel (2014, p.18-19) nos resumem os motivos pelos quais podemos abordar os surdos e sua cultura pelo viés da história cultural:

[...] a história cultural pode muito bem ser adotada como campo de investigação da história dos surdos, por ser este um novo campo de saber, o que mais precisamente produz outros modos de relações de poder, bem como de signos de cultura, como: as negociações, investidas pela língua de sinais, pela educação, pela diferença de ser, por agrupamentos de lutas e reivindicações, por associações. Estes estão passíveis de ser investigados pela história cultural.

Com base em nossos objetivos, esta pesquisa consiste em uma pesquisa exploratória, uma vez que ela tem como finalidade “proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torna-lo mais explícito” (GIL, 2002, p.41). Nesse sentido, optamos por seguir os passos que, na maioria das vezes, este tipo de pesquisa segue: “(a) levantamento bibliográfico; (b) entrevista com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; (c) análise de exemplos que ‘estimulem a compreensão’” (GIL, 2002, p.41). O nosso problema, no entanto, parte dos seguintes questionamentos: existe de fato uma cultura surda? Podemos identificar a cultura surda nas “falas” dos alunos surdos na educação escolar?

Quanto ao método de abordagem, este estudo segue os parâmetros da pesquisa qualitativa, uma vez que ela “preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p.32). Esta pesquisa se interessa principalmente pela compreensão de um determinado grupo social, não se atendo às representatividades numéricas.

Como já foi mencionado, tendo em vista nossos procedimentos técnicos, este trabalho envolve um estudo de caso, o qual se pauta nas reflexões dos surdos na escola, a fim de entendermos melhor como os sujeitos surdos manifestam sua cultura e constroem suas identidades na relação escolar com os alunos ouvintes. Para isso, teremos em mente que um estudo de caso é um tipo de estudo bastante comum nas pesquisas em educação, pois consiste em “descrever e analisar uma unidade social, considerando suas múltiplas dimensões e sua dinâmica natural” (ANDRÉ, 2013, p.97) Nesse sentido, nosso estudo de caso envolve uma

unidade social – os surdos – e sua relação com os ouvintes e como os outros surdos, nessa dinâmica estabelecida pelo aspecto da diferença.

Os sujeitos envolvidos na pesquisa são: dois alunos surdos, sendo um do sexo feminino e o outro do sexo masculino, com idades de 21 e 24 respectivamente, ambos moradores do município de Guarabira e estudantes da mesma instituição de ensino; a intérprete, a responsável por traduzir as “falas” dos alunos; a pesquisadora, que transcrevia a tradução da intérprete.

A entrevista partiu de um questionário, o qual a intérprete traduzia as perguntas para a língua de sinais e a pesquisadora transcrevia os relatos em português para o caderno. Os dados coletados nas entrevistas foram analisados qualitativamente e confrontados com teóricos dos estudos surdos para chegarmos a oferecer uma compreensão mais plausível sobre a cultura surda e sua manifestação no ambiente escolar.

3 OS SURDOS E SUA CULTURA NA HISTÓRIA: ALGUMAS CONCEPÇÕES

Mesmo na atualidade, existem diferentes concepções acerca da cultura surda e que merecem destaca-las. Talvez a mais comum destas concepções seja a que remete a cultura surda como “cultura patológica”, a qual os surdos são expostos como pessoas doentes, tratadas como deficientes e, portanto, sujeitos “anormais” ou “inferiores” (PERLIN; QUADROS, 2006, p.170). Essa limitação na audição também limitaria a apropriação cultural, uma vez que não poderia ser possível a absorção dos elementos culturais da linguagem falada.

Nessa configuração, o ato ouvir também está relacionado com as relações de poder, visto que o fato de ouvir colocaria o sujeito à frente dos que não ouvem, e isso é suficiente para se implantar uma cultura dominante a qual as minorias teriam que se adaptar para que pudessem ser reconhecidas como sujeitos culturais. O corpo, a anatomia física, exerce uma relação de poder perante aos considerados deficientes, ideologia desenvolvida pela medicina moderna (FOUCAULT, 1997).

Destacamos, pois, que este tópico não trará uma abordagem profunda sobre a história dos surdos e sua cultura, mas o destaque de algumas formas de concepções e práticas dos ouvintes para com os surdos no decorrer da história. Olhando para o passado dos surdos, podemos entender o fato de ainda haver preconceitos e equívocos entorno de sua história, cultura e resistência, amparados na lógica da cultura hegemônica dos ouvintes.

Berthier, professor e escritor surdo do século XIX, menciona as formas de violências praticada com quem nascesse surdo na antiguidade, mas especificamente na sociedade espartana, a qual simplesmente descartava as crianças surdas: "A infelizmente criança era prontamente asfixiada ou tinha sua garganta cortada ou era lançada de um precipício para dentro das ondas. Era uma traição poupar uma criatura de quem a nação nada poderia esperar" (BERTHIER *apud* NASCIMENTO, 2006, p.257).

Ainda no mundo antigo, tendo por base os escritos de Berthier, Nascimento (2006, p.257) expõe "que no sistema romano os surdos eram privados de seus direitos legais e, entre os egípcios e persas, o destino dos surdos era um assunto de interesse religioso, pois suas debilidades eram consideradas um sinal visível dos deuses".

Somente com a religião cristã que os surdos vão ter um pouco de "piedade", pois também representavam "criaturas de Deus". Na Bíblia, no livro de Marcos (7: 31-37), é relatado o caso de um surdo que teve sua audição restabelecida depois que Jesus colocou as mãos em seus ouvidos e disse: "Abri-te".

Ainda no mundo antigo, o filósofo Aristóteles (384-322 a.C) acreditava que a inteligência estava vinculada à audição, uma vez que um surdo-mudo não possuía nem linguagem nem pensamento, ou seja, era incapaz de razão (STROBEL, 2009). Isso demonstra os motivos pelos quais os gregos antigos se desfaziam dos surdos, visto que acreditavam ser incapazes de aprender a se comunicarem.

Durante a Idade Média, quando a sociedade europeia estava sob a hegemonia da Igreja Católica, os surdos eram privados de vários direitos. Por não ter como confessar seus pecados, os surdos-mudos não podiam receber a comunhão. Conforme nos informa Strobel (2009, p.19): "Também existiam leis que proibiam os surdos de receberem heranças, de votar e enfim, de todos os direitos como cidadãos".

A educação dos surdos, no entanto, só começou a surgir no século XVI, quando vão surgir educadores que se dedicarão a estudar os surdos e treina-los a se comunicar por gestos. Cabe destacar que não eram todos os surdos da sociedade europeia que tinham o privilégio de ter direito e acesso à educação. Esse acesso estava limitado a poucos surdos da alta burguesia e membros da nobreza (NAKAGAWA, 2012). Pelo menos esses poucos surdos, tinham acesso à educação, o que quebrava com a ideia de que era impossível desenvolver a aprendizagem.

Para muitos estudiosos, Pedro Ponce de León (1520-1584), monge beneditino, é considerado o primeiro educador de surdos. Outros estudiosos discordam disso, como é o

caso do professor Berthier, mas não podemos esquecer-nos de ressaltar a importância das suas ações para o progresso da educação de surdos, como salienta Lodi (2005, p.411):

Seu trabalho não apenas influenciou os métodos de ensino para surdos no decorrer dos tempos, como também demonstrou que eram falsos os argumentos médicos e filosóficos e as crenças religiosas da época sobre a incapacidade dos surdos para o desenvolvimento da linguagem e, portanto, para toda e qualquer aprendizagem.

Nos séculos XVII e XVIII muitos estudiosos se dedicaram em desenvolver formas de fazer os surdos adquirir aprendizagem. Boa parte deles utilizava uma abordagem oralista, a exemplo de Samuel Heinicke (1729-1790), educador conhecido como o “pai” do chamado “método alemão”. Este método se desencadeava da seguinte forma: “aos indivíduos surdos cabia o aprendizado da fala, por exercícios de oralização, para que tivessem, então, acesso ao mundo letrado” (NAKAGAWA, 2012, p.16).

Um importante difusor da língua de sinais foi o francês Charles Michel de L'Épée (1712-1789), que sistematizou as combinações de língua de sinais e gramática francesa sinalizada, no que ele próprio denominou de “sinais metódicos” (STROBEL, 2009). Além disso, ele foi um dos pioneiros em instruir surdos-mudos das classes populares em sua língua materna, possibilitando uma inclusão social desse grupo marginalizado.

Com os avanços da medicina no século XIX, a surdez ganha foco nos estudos médicos da época, no intuito de curá-la ou amenizar seus efeitos. Ao longo dos séculos XIX e XX, a medicina será a principal instituição a classificar os surdos como sujeitos portadores de uma “anomalia”, a qual o excluía da vida social, assim como pontua Strobel (2008b, p.24):

Nos séculos XIX e XX os sujeitos surdos eram representados num ‘olhar’ clínico predominante na sociedade hegemônica onde o ‘normal’ era ouvir e falar; então eram considerados como ‘doentes’ e ‘anormais’, muitas vezes eram isolados nas instituições como internatos e asilos e a sociedade fazia muitas caridades e assistencialismo para ajudar estes ‘enfermos’.

Nos dias atuais já podemos deslumbrar de uma tímida mais crescente produção que visa o protagonismo surdo na sociedade e boa parte dessa produção é de pessoas surdas. Embora os registros históricos sobre os surdos tenham sido construídos pelos ouvintes, hoje, os surdos recontam sua história em suas práticas cotidianas, por meio da língua de sinais, nas instituições que frequentam, nos espaços de sociabilidades que criam, entre tantas outras ações que garantem sua inserção na sociedade por conta própria, sem depender do ouvinte para isso (NAKAGAWA, 2012). Nesse sentido, a cultura surda ganha relevo e se consolida

nas práticas cotidianas dos surdos. A seguir trataremos da concepção sociocultural da surdez, concepção pela qual grande parte dos pesquisadores – muitos deles surdos – vem focando seus estudos, numa tentativa de fazer linha de frente à concepção clínica da surdez, a qual tem sido lasciva aos surdos por não considera-los capazes de produzir cultura.

4 SURDEZ NA CONCEPÇÃO SOCIOCULTURAL E OS ARTEFATOS CULTURAIS

Vimos que o processo histórico de educação dos surdos esteve marcado fortemente pela concepção clínica da surdez, a qual limitou a compreensão da totalidade do ser surdo, desprezando suas habilidades, sua identidade e cultura, uma vez que esta visão da surdez sustenta que a educação do surdo deve enveredar pelas técnicas oralistas³, a qual pressupõe “vencer” a surdez, impondo ao surdo que ele se “adapte” ao mundo do ouvinte.

Quando a escola se depara com um aluno surdo por exemplo, geralmente o que acontece, é que os pais deste aluno sejam chamados à escola para receber orientações para encaminhá-lo a médicos especialistas para avaliar a intensidade da “deficiência”. Identificando que o aluno possui certo grau de perda auditiva, aos pais é sugerido que procure “tratamento” médico para tentar “recuperar” a audição – ou ao menos “melhorá-la”. Segundo Strobel (2008a, p.49), em muitos casos os médicos aconselham aos pais a não ensinar ao filho a língua de sinais, pois prejudicaria o aprendizado e o seu cognitivo. E o que percebemos é que somente em último caso o surdo é levado a aprender a língua de sinais.

Até aqui versamos acerca das concepções entorno da surdez predominantemente centrada em sua concepção clínica, e notamos as implicações que esta causa para a inclusão dos sujeitos surdos na sociedade. Neste tópico dedicaremos à discussão da concepção social da surdez, a qual julgamos ser a mais adequada para entendermos a pessoa surda e sua cultura.

Enquanto a concepção clínica da surdez classifica o sujeito surdo como “deficientes” ou “incapazes” de adquirir conhecimento, pelo fato de não ouvirem, a concepção social da surdez quebra essa visão, uma vez que o surdo é compreendido respeitando suas especificidades e diferenças. Numa concepção social, “a surdez é vista como uma

³ Entende-se por técnicas oralistas os métodos de aprendizagem que tem por objetivo levar os surdos a adquirirem habilidades de compreensão da língua oficial. São exemplos de técnicas oralistas a leitura labial e os treinamentos auditivos, inclusive com auxílio de aparelhos auditivos.

característica natural, traços de qualidade do ser humano, como uma parte natural e positiva do eu da pessoa, ou seja, o déficit é percebido a partir de seus aspectos sociais, linguísticos e culturais, implicando diferenças culturais e identidade” (SLOMSKI, 2010, p.399).

A concepção social da surdez fornece maior abrangência quanto à identidade das pessoas surdas, pois permite vislumbrar a surdez como característica positiva do ser, ressaltando que, independentemente da intensidade auditiva que o sujeito possua, isto não lhe priva de adquirir conhecimentos. A compreensão social da surdez permite que os sujeitos que a possuem sejam vistos e respeitados por suas diferenças e habilidades. Nesse sentido, a concepção social da surdez enxerga o surdo como um sujeito possuidor de várias potencialidades, que as fazem vencer as dificuldades da vida social, ao modo como nos informa Skliar (1998, p.26):

[..] potencialidade como direito à aquisição e desenvolvimento da língua de sinais como primeira língua; potencialidade de identificação das crianças surdas com seus pares e com os adultos surdos; potencialidades de desenvolvimento de estruturas e funções cognitivas visuais; potencialidades para uma vida comunitária e de desenvolvimento de processos culturais específicos.

Tendo em mente a potencialidade que tem os sujeitos surdos, é o que nos permite assumir que eles são capazes de produzir conhecimento; são eles sujeitos atuantes e construtores de sua própria história e cultura. A prova disso são os oito artefatos culturais identificados pela pesquisadora – que é surda – Karin Lilian Strobel e publicados no livro “*As Imagens do Outro Sobre a Cultura Surda*”. Descreveremos a seguir acerca de cada um deles, a fim de nos familiarizarmos com eles, pois serão usados para fazermos uma relação com os relatos dos alunos surdos que entrevistamos em nosso estudo de caso.

Strobel nos adverte que artefato cultural não se limita aos objetos e materiais produzidos pela mão-de-obra de grupos culturais, ou seja, os objetos e materiais concretos que podemos tocar; “também podem incluir ‘tudo o que se vê e sente’ quando se está em contato com a cultura de uma comunidade, tais como matérias, vestuário, maneira pela qual um sujeito se dirige a outro, tradições, valores e normas, etc.” (STROBEL, 2008a, p.37). Nesse sentido, a autora discute, primeiramente, a noção de artefato cultural ligado à *experiência visual*. Este é um artefato bastante importante, pois implica na sua forma de interagir com o mundo a sua volta. É pela visão que o surdo capta os sinais que lhe garantirão compreender os acontecimentos diários. Vejamos como a autora descreve a importância desse artefato cultural:

Os sujeitos surdos, com a sua ausência de audição do som, percebem o mundo através de seus olhos, tudo o que ocorre ao redor dele: desde os latidos de um cachorro - que é demonstrado por meio dos movimentos de sua boca e de expressão corpóreo-facial bruta - até de uma bomba estourando, que é óbvia aos olhos de um sujeito surdo pelas alterações corridas no ambiente, como os objetos que caem abruptamente e a fumaça que surge [...]. (STROBEL, 2008a, p.39)

Outro artefato cultural importante para os surdos é o *artefato linguístico*, o que lhes possibilita a comunicação comum entre os surdos e um dos elementos que dão unidade enquanto grupo social. A língua de sinais é a responsável pela transmissão/aquisição de conhecimento entre aqueles que a utilizam – sejam surdos ou ouvintes.

A língua de sinais é uma das principais marca da identidade de um povo surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda, é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, sendo que é esta língua que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento universal. (STROBEL, 2008a p.45).

O próximo artefato cultural discutido por Strobel constitui o *artefato familiar*. Ele é o que permeia as relações familiares dos surdos, que dão condição de desenvolvimento do sujeito surdo, pois sabemos da importância que a família representa para o bom desenvolvimento das pessoas. Faz toda a diferença quando os familiares de um surdo decidem apoiá-lo a vencer as adversidades da vida, levando-o mais precocemente a aprender a língua de sinais, possibilitando a comunicação mútua. O problema é quando a criança surda nasce em família ouvinte, que desconhece como proceder e termina por “forçar” a criança a ser um ouvinte, pois não aceitam ter um membro da família considerado “anormal” pelo senso comum. Strobel (2008a, p.52) ressalta que,

Salvo alguns casos, quando tem diálogos e bom vínculo entre eles, isto ocorre porque um ou outro membro ouvinte de família do filho surdo resolveu se informar e aprofundar a respeito da cultura surda, procurando se comunicar e passar todas as informações para a criança surda em uma relação de diálogo, onde existe uma efetiva troca de saberes e da aceitação de identidade surda.

Em seguida a autora apresenta o artefato cultural da *literatura surda*, um importante veículo de ideias produzidas pela comunidade surda no mundo todo, sendo esta literatura responsável pela abordagem aspectos culturais dos surdos, inclusive seu modo de representar o mundo através da escrita. De acordo com Strobel (2008a, p.56), a literatura surda “traduz a

memória das vivências surdas através das várias gerações dos povos surdos. Segundo Karnopp, “utilizamos a expressão ‘literatura surda’ para histórias que têm a língua de sinais, a questão da identidade e da cultura surda presente na narrativa” (KARNOPP *apud* STROBEL, 2008a, p.56).

O próximo ponto discutido é o artefato cultural ligado à vida *social e esportiva* dos surdos. Neste artefato estão presentes as relações sociais entre os surdos e as pessoas com quem se relacionam, seja na amizade ou na vida amorosa. Também faz parte desse artefato cultural os comportamentos, os quais muitos são próprios do povo surdo, como salienta Strobel (2008a, p.61): “Há reações emocionais dos sujeitos surdos que trazem padrões de comportamentos habituais do povo surdo que podem consistir em contatos íntimos entre os membros da comunidade surda, tais como as amizades, lealdades, e casamentos entre eles”.

No mundo dos esportes, o povo surdo também vem construindo sua história. No ano de 2002, na cidade de Passo Fundo, no Rio Grande do Sul, foi realizada a 1ª Olimpíada de Surdos do Brasil (STROBEL, 2008a, p.68). Nesta ocasião, os surdos tiveram a oportunidade de demonstrar seu patriotismo com euforia: “Houve comoventes desfiles dos times de várias associações de surdos brasileiros, hasteamento das bandeiras e Hino Nacional em língua de sinais que marcaram a abertura dos jogos” (STROBEL, 2008a, p.65). Este fato é importante para demonstrar que os surdos têm seu próprio modo de vivenciar e resignificar as práticas esportivas.

O artefato cultural representado pelas *artes visuais* também se destaca como uma fonte dinâmica de transmissão do conhecimento surdo. Nesta categoria estão as peças teatrais, a produção de mídias como o DVD, onde atores de poesias, por exemplo, divulgam seu trabalho em libras. Nesse cenário, os artistas surdos, em suas obras de arte, “sintetizam suas emoções, suas histórias, suas subjetividades, e a sua cultura”. E mais: “O artista surdo cria a arte para que o mundo saiba o que pensa, para divulgar as crenças do povo surdo, para explorar novas formas de ‘olhar’ e interpretar a cultura surda” (STROBEL, 2008a, p.66).

O artefato cultural *político* tem seu marco na luta do povo surdo para se firmarem como sujeitos iguais em direitos, os quais, historicamente, têm sido negligenciados. Nas palavras de Strobel (2008a, p.71), o artefato cultural político “consiste em diversos movimentos e lutas do povo surdo pelos seus direitos”. A luta por respeito, por aceitação, por direito tem sido a função das associações de surdos que, desde o século XVIII, quando foram criadas, vêm prestando assistência e solidariedade aos seus membros.

Por último temos o artefato cultural representado pelos *materiais* produzidos pelo povo surdo, no intuito de facilitar a vida cotidiana deles. Mesmo que alguns materiais tenham

sido produzidos por ouvintes, mas os surdos foram o motivo para a sua invenção. Mas, boa parte dos materiais é inventada pelos surdos, que tem noção de suas próprias necessidades e tentam saná-las com inovações. Nesse sentido, “instrumentos luminosos como a campainha em casa e escolas de surdos, despertadores com vibradores, legendas closed-caption, babá sinalizadores, etc.” (STROBEL, 2008a, p.76), são exemplos dos materiais produzidos para auxiliar os surdos nas atividades cotidianas.

Estes foram, portanto, os principais artefatos culturais desenvolvidos pelos sujeitos surdos, a partir do convívio social com surdos e ouvintes. Compreender os sujeitos surdos como produtores desses artefatos, ressaltamos, que só é possível a partir de uma compreensão sociocultural da surdez.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES:

CULTURA SURDA NA ESCOLA: O ESTUDO DE CASO

Esta parte do trabalho aborda o nosso estudo de caso propriamente dito. A princípio, convém mencionar que as perguntas⁴ norteadoras que constituíram nossa entrevista não tiveram a intenção de limitar a explanação dos entrevistados, mas se tratou apenas de um ponto de partida para que os alunos surdos pudessem desencadear seus pensamentos.

Tais perguntas nos deram uma noção da vivência e convivência dos sujeitos surdos nos principais espaços sociais – casa, escola, espaços de diversões – e a forma que se relacionam tanto com pessoas surdas quanto com as ouvintes. Isso nos possibilita a ter uma noção da cultura dos alunos surdos, pois enfoca uma variedade de práticas cotidianas próprias dos surdos – entendidos aqui como *artefatos culturais*, na forma como discutimos no tópico anterior –, o que garante sua inserção nos espaços sociais, sem depender de se adequarem à cultura dos ouvintes, dando-lhes exclusividade no processo histórico como sujeitos atuantes, emancipados.

Para isso, precisamos dos auxílios de uma intérprete de Libras, visto que a entrevista foi desenvolvida na língua brasileira de sinais (LIBRAS). Nesse caso, a intérprete foi a mediadora entre os envolvidos na entrevista, assim como a tradutora. Para a ocasião foi usada uma prancheta para que a pesquisadora escrevesse as respostas dos alunos traduzidas pela intérprete. Por conta disso, as respostas dos alunos que vêm transcritas nesta parte do trabalho

⁴ O questionário se encontra nos anexos, no final do trabalho.

serão feita em terceira pessoa, pois se trata da forma como a intérprete traduziu, o que não quer dizer, no entanto, que as vozes são da intérprete, mas sim dos surdos entrevistados.

A entrevista ocorreu em uma determinada escola da rede estadual de ensino, na cidade de Guarabira, no dia 10 de março do corrente ano, às 14h30min da tarde. Participaram da entrevista apenas 2 alunos surdos – os únicos da escola –, ambos estudantes do 2º ano do Ensino Médio, os quais iremos identifica-los da seguinte forma: entrevistado 1 (E1), sexo masculino, de 24 anos; e entrevistada 2 (E2), sexo feminino, de 21 anos. Os dois moram no município de Guarabira, sendo que E1 reside no Bairro das Nações e E2 no bairro Primavera.

Perguntados sobre o que faziam nas horas vagas em que não estavam na escola, o aluno E1 alegou que “*gosta de jogar videogame e de conversar com seu amigo Damião*”, que também é surdo. Já a aluna E2 “*costuma se encontrar em grupos com outros surdos para se divertirem, conversar*”. Nestas respostas percebemos que ambos entrevistados preferem se encontrar com pessoas que também são surdas para a conversa fluir melhor, por vivenciarem situações em comum. O *artefato cultural linguístico*, nesse caso, é fator fundamental para que a comunicação entre os surdos possa fluir melhor, além do mais Strobel reforça que os surdos que se comunicam entre si, ou participam de uma comunidade surda, “tem maior segurança, auto-estima, e identidade sadia” (2008a, p.45).

Nestas falas dos entrevistados podemos identificar, além do artefato cultural linguístico, o *artefato cultural vida social e esportiva*. Como nos explica Strobel (2008a, p.61), esses artefatos “são acontecimentos culturais, tais como casamento entre surdos, festas, lazeres e atividades nas associações de surdos, eventos esportivos e outros”. O fato da preferencia de jogar vídeo game com um surdo emana uma experiência mais rica para o surdo, visto que ambos dialogarão com mais facilidade, observarão os gráficos do jogo na tela de maneira semelhante, aprenderão e compartilharão experiências novas entre eles, sem contar que as jogadas seguiriam mais ou menos ao mesmo ritmo.

Quando questionados acerca de como era o convívio em casa com os familiares, assim se expressaram: para E2, o convívio com a família é mais tranquilo, uma vez que “*sua mãe sabe a língua de sinais que aprendeu junto com ela na Funad*”⁵; para E1 a situação era mais complicada, pois o mesmo perdeu a mãe quando era criança e agora convive com seu irmão que, segundo ele, “*briga com ele toda hora*”. Ao concluir sua resposta, o rapaz pareceu meio abatido. Esta não era uma situação que ele se sentiu a vontade em expressar. De fato, a situação familiar da aluna era mais cômoda, pois além do apoio de sua mãe a comunicação

⁵ FUNAD – Fundação Centro Integrado de Apoio à Pessoa com Deficiência. Instituição ligada ao Governo do Estado da Paraíba, que atende e dá apoio a pessoas de todo o Estado com algum tipo de deficiência.

fluía, o que evita certos desentendimentos. Daí a importância de os familiares possuírem conhecimento da língua de sinais desde cedo – no caso de pais ouvintes –, para que a criança surda não venha a enfrentar maiores problemas de comunicação no futuro. Strobel cita em seu livro uma pesquisa que comprova que crianças surdas de pais surdos desenvolvem melhor a linguagem, “Pois as mesmas não apresentam os problemas da defasagem de linguagem porque os pais surdos já estão se ‘comunicando’ em língua de sinais com os filhos surdos o mais precocemente possível, esclarecendo todas as suas curiosidades naturais” (STROBEL, 2008a, p.45).

Seguindo o roteiro da entrevista, fiz a seguinte pergunta e a intérprete traduziu se os alunos gostavam de se comunicar usando a língua de sinais. Ambos responderam que sim, sendo que E1 destacou que seu primeiro contato com a língua de sinais foi quando ele tinha 8 anos. Segundo ele relatou, “*duas pessoas bateram em sua porta perguntando se tinha algum surdo na casa, e daí em diante essas pessoas o ensinaram libras*”. Ainda de acordo com a narrativa, estas pessoas faziam parte de uma igreja evangélica, o que nos mostra que antes de os gestores públicos tomarem responsabilidades com a educação dos sujeitos surdos, algumas igrejas lhes prestavam assistências, num sentido de “compaixão” por sua enfermidade. Antes esta prática era comum quando se pensava que os surdos não eram capazes de traçarem seu próprio caminho, assim como salienta Nakagawa (2012, p.24):

Se eram antes percebidos como um grupo de pessoas “portadoras” de uma enfermidade que as apequenava diante de um mundo ouvinte, ou como um grupo de deficientes (na acepção vulgar e redutora do termo) acolhidos com caridade e compaixão por instituições filantrópicas, hoje muitos surdos enlaçam-se em lutas políticas, organizados em associações e movimentos populares, a reafirmarem e reivindicarem direitos.

Por outro lado, E2 respondeu que seu primeiro contato com a língua de sinais foi quando ela tinha 3 anos de idade, momento em que sua mãe passou a leva-la para aprender Libras na Funad. Como já foi dito anteriormente, este contato inicial com a língua de sinais facilitou muito o desenvolvimento da cultura surda da menina.

Partindo a diante na entrevista, foi perguntado aos jovens se eles preferiam ter amizade como pessoas surdas ou ouvintes. A aluna E2, respondeu que gosta de ter a amizade tanto com surdos como ouvintes, mas que prefere os ouvintes “*porque ela gosta de interagir com eles, de ensinar um pouco o que sabe, para quebrar essa barreira na comunicação*”. O termo “quebrar barreira” pode ser ilustrado também como quebra da dicotomia normal/anormal, que tanto prejudicou – e ainda prejudica – a inserção do surdo na sociedade. Quando a aluna

demonstra sua emoção em poder interagir como os ouvintes, ensinar o que sabe, isso a coloca como protagonista, como sujeito atuante, uma vez que isso valoriza a identidade e a cultura surda numa sociedade dominada pela cultura do ouvinte, pois o que historicamente tem se visto é “um esforço unilateral (dos surdos) para interagir com os ouvintes” (SANTANA; BERGAMO, 2005, p.566). Tendo oportunidade de inverter essa lógica, “o sujeito surdo ganha a possibilidade de tornar-se agente político e social, dotado de uma peculiaridade cultural, passando do silêncio outorgado pelo privamento da audição para uma inserção social” (MOREIRA, 2015, p.9).

Já o aluno E1, respondeu preferir amizades com as pessoas surdas, pois se sente constrangido quando encontra um ouvinte que não entende o que ele diz, mas, por outro lado, ele relatou que “*fica muito feliz quando encontrava um ouvinte que usava a língua de sinais*”. Isso porque é muito importante saber que o ouvinte se esforçou para aprender sua língua, sua cultura, a fim de possibilitar uma comunicação. Ou seja, permitiu que o ouvinte saísse de sua zona de conforto e se “adaptasse” à cultura do surdo. Já o fato de ele preferir amizades surdas Santana e Bergamo (2005, p.567) explicam: “O que ocorre, na verdade, é que, em contato com outro surdo que também use a língua de sinais surgem novas possibilidades interativas, de compreensão, de diálogo, de aprendizagem, que não são possíveis apenas por meio da linguagem oral”.

Enquanto artefato cultural do povo surdo, a língua de sinais é muito importante para eles, pois é uma conquista de muito tempo e o principal elemento de comunicação, algo ligado diretamente à sua identidade e cultura. Nessa linha de pensamento aponta Strobel: “Para o sujeito surdo ter acesso às informações e conhecimentos e para construir sua identidade é fundamental criar uma ligação com o povo surdo em que se usa a sua língua em comum: a língua de sinais” (STROBEL, 2008a, p.44).

Quanto à pergunta sobre como eles se relacionavam com seus colegas e amigos relataram o seguinte: E1 disse ser mais reservado, tendo apenas um amigo próximo, o qual “*costuma visita-lo em sua casa para jogar videogame*”; E2 relatou que gosta muito de sair com as amigas, mas a maioria das vezes sai com seus familiares. Por ser uma pessoa extrovertida, costuma “*ir no centro, passear na praça, ir nas lojas, viajar... tudo isso, segundo ela, a deixa feliz, pois gosta muito de passear*”.

A oitava pergunta foi para saber se os alunos surdos entrevistados já haviam sido vítimas de algum ato de preconceito. A aluna alegou que não sofreu muito com o preconceito porque impôs, a si mesma, a condição de se afastar das pessoas que não lhe respeitava. Já o aluno ressaltou “*que no passado, as pessoas chegavam perto dele e achavam que ele era*

louco, e ele respondia que não era louco que era esperto e assim se afastava dessas pessoas”. Situações como estas são recorrentes no cotidiano dos surdos, levando-os a criarem resistência quanto a essas atitudes, reafirmando seu espaço na vida social e lutando contra as formas de preconceito e discriminação. Na fala do entrevistado, podemos identificar o artefato cultural de caráter político, por defender sua identidade e seus artefatos culturais contra as “práticas ouvintistas”, termo usado por Strobel (2008a, p.75).

Indagados sobre possuírem ou não uma cultura diferente, ambos responderam que sim: “*nós surdos temos uma proporção de mundo diferente*” (E2). Por “proporção de mundo” diferente podemos entender a forma que os surdos enxergam o mundo, captando as imagens ao seu redor com mais riqueza de detalhes, isso porque a visão para os surdos é o principal sentido que auxilia na comunicação. Para Perlin (1998) o uso particular da comunicação visual é o que dá identidade ao sujeito surdo. Já para Strobel (2008a, p.38), é pelo artefato cultural da *experiência visual* “que os sujeitos surdos percebem o mundo de maneira diferente, a qual provoca as reflexões de suas subjetividades”.

Pelo que podemos constatar nos relatos dos alunos surdos entrevistados é que possuem maneiras de pensar diferenciadas, fruto de sua própria experiência de vida, mas ambos defendem sua cultura e não se sentem necessitados em possuir audição, nem de se igualar ou copiar a cultura ouvinte. Nas suas atividades cotidianas eles querem ser respeitados, ter direitos de escolher com quem se relacionar, os locais que frequentar, as coisas que querem fazer, sem que para isso precise de um ouvinte que lhes imponha as decisões. Como bem apontou Strobel (2008a, p.61), quando trata do artefato cultural ligado à *vida social*: “Os sujeitos surdos têm alguns estilos especiais que se envolvem para se sair bem em situações de apuros”; um estilo de pessoa que procura vencer as dificuldades que surgem no dia-a-dia. Como exemplo podemos citar a experiência de Nelson Pimenta, de um caso de quando ele era criança e sua mãe pediu para ele ir comprar uma mamadeira para seu irmão:

Aconteceu aos 6 anos de idade, quando minha mãe me mandou comprar uma mamadeira para meu irmão, na época um bebê. Ela não se preocupou com o fato de eu ser surdo. Foi a primeira vez que comprei alguma coisa sozinho. Na loja, fiquei olhando, procurando nas prateleiras a mamadeira para apontar, mas não havia nenhuma à mostra. O lojista me pediu para escrever o que queria, mas aos seis anos, eu ainda não sabia escrever. Então desenhei a mamadeira no papel, o homem entendeu e eu voltei feliz da vida para casa. (PIMENTA *apud* STROBEL, 2008a, p.61).

Com relação aos relatos dos alunos surdos, podemos observar que eles não narraram seus comportamentos, suas histórias de vida, seus momentos de lazer, suas relações com outros

surdos e com ouvintes, numa perspectiva negativa. Pelo contrário, fizeram questão de destacar o quanto são autônomos nas suas preferências de estilo de vida, na forma de interagir, de conversar, afirmando sempre sua identidade surda para além das dificuldades do dia-a-dia. E se hoje eles estão cursando o 2º ano do Ensino Médio, foi porque eles souberam se reconhecer como surdos, por utilizar a sua língua que é a Libras manifestando assim sua cultura e identidade surda como também seus artefatos culturais dentro e fora da escola.

6 CONCLUSÃO

Com o aparato da história cultural, este trabalho versou sobre algumas concepções sobre os surdos e sua cultura ao longo da história, concluindo e expondo as “vozes” de dois alunos surdos sobre suas práticas cotidianas e suas relações com a língua de sinais. Percebemos que ambos são diferentes e é em suas diferenças que querem ser respeitados. Embora sendo um número reduzido de participantes entrevistados, deu para perceber, nos relatos apresentados, alguns aspectos ressaltados por autores da temática surda, no que se refere à identidade e a cultura surda.

A conclusão que chegamos é que a cultura surda está representada nas ações cotidianas dos atores surdos, por meio dos usos que fazem dos artefatos culturais, elemento constitutivo de suas identidades, o elo que permite dar unidade ao povo surdo. Foi com base nesses artefatos culturais que procuramos entender a cultura surda na escola, através dos relatos dos alunos surdos envolvidos neste estudo.

Este trabalho se mostra como uma contribuição em defesa de uma cultura surda, que historicamente se tentou segregar às sobras da cultura dos ouvintes, mas que – felizmente – tende a sobressair e ganhar visibilidade nos espaços sociais. Cultura esta pautada na forma diferenciada de se relacionar e enxergar o mundo, de se comunicar usando sinais e expressões corporais, capazes de transmitir não só palavras, mas também emoções e sentimentos, como também abordar os assuntos mais complexos e abstratos. É nesse aspecto que os surdos querem ser reconhecidos e respeitados. Sendo assim, o que convém é ter em mente que a civilização do ouvinte não é mais a que impera. Segundo Perlin e Quadros (2006, p.175): “A lógica passa a ser de reconhecimento de que há a civilização da fala, da escuta, da leitura, e que há, também, a civilização dos surdos, da língua de sinais, da expressão corporal, do olhar”.

Em diversas partes do texto foi destacada a particularidade do protagonismo surdo na construção de sua história, identidade e cultura. No entanto, o que deve imperar é o discurso da alteridade⁶; saber reconhecer o “eu” no “outro”, assim como o “outro” no “eu” (PERLIN; QUADROS, 2006). É nesse contato permanente com as “diferenças” sociais que os surdos vão manifestando seus artefatos culturais, criando suas próprias formas de trilhar seus caminhos e deixar registrada sua cultura na história.

Graças à luta e resistência do povo surdo, enquanto artefato cultural político, hoje podemos presenciar diversas melhorias, o direito de acesso à educação e à alfabetização na língua de sinais. Além disso, as instituições aos poucos vão se adequando para receberem os sujeitos surdos, contratando intérpretes, ou organizando cursos de formações em Libras. Mas a luta não deve parar, pois ainda há muito o que ser feito para conquistar novos direitos e assegurar os já conquistados como forma de manifestação da cultura surda no ambiente escolar.

⁶ Alteridade constitui no exercício mental de se colocar no lugar do outro, para melhor entendê-lo, numa relação interpessoal.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Marli. O que é um estudo de caso qualitativo em educação. **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v.22, n.40, p.95-103, jul./dez. 2013.
- BOTELHO, Isaura. A política cultural e o plano das idéias. Trabalho apresentado no **III ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**, realizado entre os dias 23 a 25 de maio, Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador, 2007.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Trad.: Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2005.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 11ª ed., Rio de Janeiro: Graal, 1997.
- GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo Silveira. **Métodos de pesquisa**. Curso de Graduação Tecnológica. Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS. Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- LODI, Ana Claudia. Plurilingüismo e surdez: uma leitura bakhtiniana da história da educação dos surdos. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.31, n.3, p.409-424, 2005.
- MOREIRA, Daniele Lemos. O estigma do surdo: implicações e manipulações. **Revista VITAS – Visões Transdisciplinares Sobre Ambiente e Sociedade**, a.V, n.10, p.1-27, junho. 2015.
- NAKAGAWA, Hugo Eiji Ibanhes. **Culturas surdas: o que se vê, o que se ouve**. Dissertação (Mestrado em Cultura e Comunicação). Lisboa-Portugal: Faculdade de Letras/ Universidade de Lisboa, 2012.

NASCIMENTO, Lilian Cristine Ribeiro: Um pouco mais da história da educação dos surdos, segundo Ferdinand Berthier. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, v.7, n.2, p.255-265, jun. 2006.

PERLIN, Gladis. Identidades surdas. In: (Org.) SKILIAR, Carlos. **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

_____ ; MIRANDA, Wilson. Surdos: o narrar e a política. **Ponto de Vista**, Florianópolis, n.5, p.217- 226, 2003.

_____ ; QUADROS, Ronice Müller de. Ouvinte: o outro do ser surdo. In: QUADROS, Ronice Müller de. (Org.). **Estudos Surdos I**. Petrópolis-RJ: Arara Azul, 2006, p.166-185.

_____ ; STROBEL, Karin. História cultural dos surdos: desafio contemporâneos. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, Edição Especial, n.2, p.17-31, Editora UFPR, 2014.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. 2ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SÁ, Nídia Regina Limeira de. **Cultura, poder e educação de surdos**. São Paulo: Paulinas, 2006.

SANTANA, Ana Paula; BERGAMO, Alexandre. Cultura e identidade de surdas: encruzilhada de lutas sociais e teóricas. **Educação e Sociedade**, v. 26, n.91, p.565-582, maio/ago. 2005.

SKLIAR, Carlos. **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação 1998.

SLOMSKI, Vilma Geni. **Educação bilíngue para surdos**: concepções e implicações práticas. Curitiba: Juruá, 2010.

STROBEL, Karin Lilian. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008a.

_____. **História da educação de surdos**. Licenciatura em Letras-Libras, Modalidade à Distância. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

_____. **Surdos**: vestígios culturais não registrados na história. Tese (Doutorado em Educação). Santa Catarina: Programa de Pós-Graduação em Educação/UFSC, 2008b.

ANEXO



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III - GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE HISTÓRIA**

Roteiro das entrevistas

- 1 – Como se “chamam”?
- 2 – Onde moram?
- 3 – O que fazem nas horas vagas que não estão na escola?
- 4 – Como é o convívio com os familiares?
- 5 – Vocês gostam de se comunicarem usando a língua de sinais?
- 6 – Vocês gostam de ter amizades com pessoas surdas ou ouvintes?
- 7 – Como se relacionam com seus amigos e colegas?
- 8 – Já foi vítima de algum preconceito ou já presenciou?
- 9 – Vocês acham que tem uma cultura diferente?

FOLHAS DAS RESPOSTAS DA ENTREVISTA REALIZADA COM OS ALUNOS

1 1

Relatório da Entrevista

visita de campo realizada na Escola [redacted]
[redacted],
no dia 10.03.14, no período da tarde com
2 alunos surdos (os únicos no colégio).

* Entrevistados = [redacted]; 24 anos
[redacted], 21 anos

* Ambos estão no 2º ano do ensino médio,
* Interprete que auxiliou = [redacted]

Perguntas

1- Como se chamam?


* [redacted], [redacted] e [redacted].

2- Onde moram?

* Ambos em Guarabira, [redacted] no
Bairro das Mães e [redacted] na Primavera.

3- ~~Como~~ o que fazem nas horas vagas?

* [redacted] gosta de jogar videogame e
de conversar com seu amigo [redacted] (também
surdos)



4- Como é o convívio com os familiares?
 Para o rapaz o convívio é mais complicado ele mora com o irmão, que segundo ele, briga com ele toda hora, mais percebe que como ele mesmo relatou ele sente falta da sua mãe que faleceu quando ele ainda era criança, segundo ele sua mãe cuidava muito bem dele, o protégio do pai como ele mesmo relatou, então para ele a ausência da mãe o deixa triste.

Para a moça, o convívio é mais tranquilo sua mãe sabe a língua de sinais que aprendeu junto com ela na "Fundação" em João Pessoa, então para ela é mais tranquilo.

5- Vocês gostam de se comunicar ^{quando} com a língua de sinais?

Ambos responderiam que sim, o rapaz relatou que seu primeiro contato com a língua de sinais foi com 8 anos de idade, segundo ele duas pessoas bateram em sua porta perguntando se tinha algum surdo na casa e daí em diante essas pessoas o ensinaram libras (duas pessoas da igreja evangélica).

#cokestyle

Já a menina, teve seu contato com a língua de sinais desde os 3 anos de idade, quando sua mãe levava para frequentar a "FUNADE".

6- Vocês gostam de ter amizade com pessoas surdas ou ouvintes?

* O rapaz relatou que prefere ter amizades com surdos, pois é mais fácil a comunicação, não mais dificultado, mais ao mesmo tempo não é que ele não quisesse ter amizade com ouvintes, porque quando ele se sentia oprimido quando encontrava ouvintes que não entendia o que ele falava, então isso o deixava triste, por isso ele evita, mas relatou que fica muito feliz quando encontrava um ouvinte que usava a língua de sinais.

* Já a moça, relatou que gosta de ter amizade tanto com surdos, como ouvintes inclusive relatou que prefere os ouvintes, porque ela gosta de interagir com eles, de ensinar um pouco o que sabe, para quebrar essa barreira na comunicação.

7- Se costumam se encontrar em grupos (com outros surdos) para se divertir, conversar?

* O rapaz é mais reservado, só tem um amigo próximo onde costuma visitá-lo em sua casa e jogam vídeo game.

* A moça relatou que tem algumas amigas, mas sai mais com seus familiares, costumam ir no antw, passear na praia, ir nas lojas, viajar e ela se sente feliz porque gosta muito de passear.

8- Já foi vítima de algum preconceito ou já presenciou?

* O rapaz relatou que no passado, as pessoas chegavam perto dele e achavam que ele era louco, e ele respondia que não era louco que ele era esperto e assim se afastava dessas pessoas.

* A moça disse que não sofreu muito porque evitava o contato com pessoas que nãooubresse respeitá-la.

9- Vocês acham que tem uma cultura diferente?

* Sim, nós surdos temos uma percepção de mundo diferente, temos que saber

11
escolher bem nossas amizades, porque
não podemos confiar em todos, vemos
o mundo que é perigoso e cheio de pessoas
falsas, temos que saber escolher bem
as amizades, para não andar com más
companhias e não fazer nada de errado.
porque devemos fazer sempre coisas boas,
o que é correto.





Figura 1. Alunos surdos e sua intérprete. Arquivo da autora. 2017.